

O ensino agrícola e o desenvolvimento regional:

O caso da Escola Superior Agrária de Castelo Branco

Deolinda M. F. Alberto *
Cristina M. M. Alegria **
António M. S. Ramos **
José Pedro P. F. Almeida *

INTRODUÇÃO

Debatendo-se a agricultura portuguesa com graves estrangulamentos socio-estruturais e carecendo de urgente modernização, o ensino será um dos vectores fundamentais no desenvolvimento regional e nacional. A distribuição etária e a qualificação dos empresários agrícolas são factores que constituem a base da nossa afirmação; daí a necessidade de formar jovens com capacidade de resposta às exigências do sector.

Nesse sentido, a presente comunicação tem o objectivo de relacionar o ensino agrícola com a agricultura, realçando a importância do seu papel no desenvolvimento.

Dado que exercemos a nossa actividade profissional como docentes na Escola Superior Agrária de Castelo Branco, será lógico que restringamos a nossa abordagem à realidade que melhor conhecemos: a ESA de Castelo Branco e a região da Beira Interior.

I. A IMPORTÂNCIA DOS FACTORES DE MODERNIZAÇÃO NO DESENVOLVIMENTO DA AGRICULTURA

Instrumentos fundamentais da actividade produtiva, a utilização dos factores de produção e a sua importância relativa está dependente da evolução tecnológica verificada em cada sector.

* Assistente do 2º triénio da ESA Castelo Branco
** Assistente do 1º triénio da ESA Castelo Branco

A agricultura não é excepção: o grau de produtividade que hoje se exige da agricultura portuguesa não pode ser conseguido recorrendo apenas aos factores de produção tradicionais (terra e trabalho) e modernos (capital); é necessário introduzir novos factores, ditos de modernização, a fim de melhorar a "performance" da nossa agricultura.

De entre os factores de modernização, assumem especial importância os relacionados com a valorização do capital humano:

- educação;
- formação profissional;
- investigação/experimentação;
- extensão/divulgação;
- informação.

I.1. UTILIZAÇÃO ÓPTIMA DOS FACTORES DE PRODUÇÃO

Como foi referido anteriormente, o volume da produção está dependente do nível de utilização dos factores produtivos. Traduzindo para linguagem matemática, qualquer função de produção toma a seguinte forma:

$$Y = f (X_i)$$

em que: Y = volume da produção

X_i = nível de aplicação dos diferentes factores

O máximo rendimento do produtor será obtido quando todos os factores de produção são aplicados no seu nível óptimo, que se pode traduzir pela seguinte equação:

$$dY/dX_i \cdot p_Y = p_{X_i}$$

em que: dY/dX_i = produtividade marginal dos factores de produção

p_Y = preço de venda do produto

p_{X_i} = preço dos factores de produção

Na situação de plena abertura à CEE, a evolução diferencial dos preços dos produtos e dos factores tenderá a ser desfavorável para o agricultor português, uma vez que os preços dos factores continuarão a subir, enquanto os preços das principais produções alimentares tenderão a baixar. Assim, só será viável continuar a produzir estes bens, fazendo-o a baixos custos, ou seja, aumentando a produtividade.

I.2. MODERNIZAÇÃO DA AGRICULTURA

Para alcançar as melhorias de produtividade necessárias para fazer face ao desafio da plena adesão, há que apostar:

- educação dos agricultores;
- formação profissional actualizada e contínua;
- informação aos agricultores;
- investigação e experimentação no campo das novas tecnologias e culturas alternativas;
- extensão/divulgação;
- criação de novos mercados e melhoria das vias de acesso e escoamento das produções;
- incremento e modernização das indústrias transformadoras;
- incremento do associativismo agrícola nas suas múltiplas formas;
- emparcelamento agrícola;
- ordenamento do território.

Daqui, a importância do ensino no desenvolvimento da agricultura:

- investigação e experimentação;
- formação (inicial e contínua) dos agentes da modernização:
 - . técnicos dos serviços oficiais, empresas e associações;
 - . jovens agricultores instalados por conta própria.

II. AS ESCOLAS SUPERIORES AGRÁRIAS COMO POLOS DE DESENVOLVIMENTO AGRÍCOLA

II.1. VOCAÇÃO REGIONAL DAS ESAS

De entre os objectivos que conduziram à criação de uma rede de Institutos Politécnicos, a descentralização do ensino superior e a formação de quadros médios serão, sem dúvida, os mais relevantes. Pretendia-se, assim, colmatar uma lacuna existente ao nível da formação técnica e permitir o acesso ao ensino superior de uma camada populacional que, em condições normais, não teria possibilidade de ingresso nas universidades.

Com a extinção das Escolas de Regentes Agrícolas, a criação das ESAs permitiu a continuação do ensino agrícola não universitário, com um substancial incremento da qualidade. Exceptuando as ESAs de Santarém e Coimbra, que correspondem às ex-Escolas de Regentes Agrícolas, as novas ESAs foram implantadas em regiões periféricas onde o desenvolvimento, principalmente da

agricultura, constituia necessidade premente.

A vocação regional das ESAs manifesta-se, entre outros aspectos, pelas facilidades de acesso dadas aos candidatos da região, pelos planos curriculares de marcado cariz prático e aprofundando os temas de maior impacto regional e pela realização de projectos de investigação com aplicação e interesse para a região.

II.2. A ESA DE CASTELO BRANCO: CARACTERIZAÇÃO DA SITUAÇÃO ACTUAL

Tendo iniciado a sua actividade lectiva em 1983/84 com os cursos de Produção Agrícola e Animal, a ESA de Castelo Branco forma actualmente bacharéis nas áreas de produção agrícola, animal e florestal (desde 1985/86), contando no presente ano lectivo com cerca de 350 alunos provenientes de todas as zonas do país. A maior percentagem pertencerá à área de influência da escola, que corresponde aos distritos de Castelo Branco, Guarda e Portalegre e grande parte provém de famílias de agricultores.

Para além da formação teórica e prática ministrada na escola, os alunos têm também de realizar um trabalho final de curso (com apresentação e discussão perante um júri), que constitui uma das formas de penetração na agricultura da região. Dos alunos que já realizaram ou se encontram a realizar este trabalho, cerca de 25% fizeram-no em explorações agrícolas, para além dos que se efectuaram nos serviços regionais, nas associações de produtores e em empresas transformadoras. Contudo, a maior parte destes trabalhos (cerca de 38%) realiza-se ainda na própria escola.

Também é objectivo desta escola a promoção de cursos de aperfeiçoamento e de actualização destinados à valorização de profissionais ligados à actividade agrícola e desenvolver a investigação científica e tecnológica directamente relacionada com os problemas da região. Nesse sentido, existem vários protocolos de colaboração com diversos organismos: de investigação (EZN, EMP, ENTVN, IICT,...), de ensino (ISA, ESMV, UTAD, UE, IST, UNL,...), de extensão (DRABI), associações de agricultores (OVIBEIRA,...), e empresas transformadores (TABAQUEIRA, PORTUCEL,...).

Desta actividade têm resultado as seguintes acções:

- realização de colóquios e seminários;
- criação do Gabinete de Apoio e Informação;
- projectos de investigação;
- realização de trabalhos finais de curso;
- visitas de estudo.

II.3. PERSPECTIVAS FUTURAS

Uma vez ultrapassada a fase de instalação pretende-se dinamizar o apoio já prestado à comunidade, nomeadamente nos seguintes aspectos:

- análises laboratoriais de solos, alimentos para animais, bacteriológicas, químicas e sanitárias;
- fomentar a actividade do Centro de Estudos de Planeamento e Divulgação;
- promover a realização de cursos de formação profissional;
- promover cursos de actualização técnica e de reciclagem;
- incremento das relações efectivas da ESA com instituições ligadas ao desenvolvimento regional;
- incremento na realização de trabalhos de fim de curso em explorações da região;
- incremento dos contactos directos com agricultores ou organismos representativos, quer na actividade docente (visitas de estudo e orientação de estágios), quer na de investigação.